



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS PADRES PROVINCIAIS DA COMPANHIA DE JESUS

*Sala do Consistório
Terça-feira, 27 de Fevereiro de 1982*

1. Tenho particular gosto em vos acolher hoje, caríssimos Irmãos em Cristo, neste especial encontro! Saúdo do coração o meu Delegado para a Companhia de Jesus, Padre Paulo Dezza, e o seu Coadjutor, Padre Pittau, e especialmente o venerado Prepósito-Geral, Padre Pedro Arrupe, e todos vós, Assistentes e Conselheiros da Cúria Generalícia e 86 Padres Provinciais, representantes diante dos meus olhos dos 26.000 Jesuítas, que, espalhados por todas as partes do mundo, estão empenhados em "servir o único Senhor e a Igreja, Sua Esposa, sob o Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra".

A estes sentimentos de sincera alegria pela vossa presença junta-se o devido sentimento de reconhecimento e gratidão, que — seguindo os meus Predecessores — desejo dirigir a toda a Companhia de Jesus e a cada um dos seus Membros, pelo contributo histórico de apostolado, de serviço, e de fidelidade a Cristo, à Igreja e ao Papa, dado de há séculos com uma generosidade incansável e uma dedicação exemplar em todos os campos do apostolado, nos ministérios e nas missões. É reconhecimento que, hoje, em nome da Igreja toda, eu dirijo a vós, dignos herdeiros de tais Religiosos, que têm feito, de há quatro séculos e meio, da "maior glória de Deus" o seu mote e o seu ideal.

Esta gratidão e este reconhecimento adquirem especial significado nas actuais circunstâncias, que se manifestam e são objectivamente delicadas para o governo da vossa benemérita Ordem. É sabido que, em seguida à enfermidade que atacou o caríssimo Padre Arrupe, julguei oportuno nomear um meu Delegado pessoal, e um seu Coadjutor, para o governo da Ordem e para a preparação da Congregação Geral. A situação, indubiamente singular e excepcional, sugeriu uma intervenção, uma "prova", que — e digo-o com intensa comoção — foram acolhidas pelos Membros da Ordem com espírito autenticamente inaciano.

É exemplar e comovedora foi sobretudo, em tal circunstância delicada, a atitude do Reverendíssimo Preposto-Geral, que me edificou a mim e a vós com a sua plena disponibilidade diante das superiores indicações, com o seu generoso "fiat" à vontade exigente de Deus, que se manifestou na imprevista e inesperada doença, e nas decisões da Santa Sé. Tal atitude, evangelicamente inspirada, foi uma vez mais a confirmação daquela total e filial obediência, que todo o Jesuíta deve mostrar para com o Vigário de Cristo.

Ao Padre Arrupe, aqui presente com o silêncio eloquente da sua enfermidade, oferecida a Deus pelo bem da Companhia, desejo dizer, nesta ocasião particularmente solene para a vida e para a história da vossa Ordem, o "obrigado" do Papa e da Igreja!

Um sentimento de reconhecimento devo publicamente manifestar também ao meu Delegado pessoal, o Padre Paulo Dezza, que em espírito de perfeita obediência inaciana aceitou um peso e um encargo, particularmente difíceis, pesados e delicados. Mas a sua profunda espiritualidade, a sua vasta preparação cultural, a sua consumada experiência religiosa são e serão para a Companhia uma garantia de fidelidade na continuidade. Análogo sentimento exprimo para o seu Coadjutor, o Padre José Pittau, que trabalhou por tantos anos no Japão, naquele nobre País em que o Padre Arrupe difundira, em particular depois da terrível segunda guerra mundial, os tesouros da sua apostólica intrepidez e generosidade sacerdotal.

2. Viva satisfação tenho o dever de manifestar pela análoga atitude de *obediência e disponibilidade* confiante, de que deram concreta demonstração neste período os Assistentes, os Conselheiros da Cúria Generalícia como também os Jesuítas de todo o mundo. A opinião pública, que talvez esperasse dos Jesuítas um gesto ditado só pela lógica humana, recebeu, com admiração, uma resposta, ditada pelo contrário pelo espírito do Evangelho; pelo espírito profundamente "religioso", pelo espírito das boas, autênticas, tradições inacianas.

Tal atitude de *obediência e disponibilidade* foi a resposta consciente, por parte da Companhia de Jesus, a um *gesto de amor*, realizado a seu respeito pela Santa Sé e pelo Vigário de Cristo.

Sim, caríssimos Irmãos! A decisão, que foi tomada pela Santa Sé, tem a sua profunda motivação e a sua verdadeira fonte no *particular amor*, que ela alimentou e alimenta pela vossa grande Ordem, benemérita no passado e protagonista do presente e do futuro da história da Igreja!

Por meu lado, depois, tal amor é ditado por uma especial relação da Companhia de Jesus com a minha pessoa e com o meu ministério universal, mas brota também da minha experiência sacerdotal e episcopal na arquidiocese de Cracóvia, como também da esperança e das expectativas no que diz respeito à realização dos encargos pós-conciliares e actuais da Igreja.

Em tal clima de sereno acolhimento da vontade de Deus, vós, nestes dias, estais a reflectir, na meditação e na oração, sobre o modo melhor de responder às expectativas do Papa e do Povo

de Deus, num período de polarizações e contradições, que distinguem a sociedade contemporânea. Objecto das vossas reflexões, animadas pelo "discernimento" inaciano, são os problemas fundamentais da identidade e da função eclesial da Companhia: o "*sentire cum Ecclesia*"; o apostolado; a qualidade da vida religiosa do jesuíta; a formação — que coisa espera a Igreja da Companhia de Jesus.

3. Olhando, neste nosso encontro, para o vosso grupo qualificado de Filhos de Santo Inácio, oferece-se à minha consideração o aspecto da vossa Ordem e da sua gloriosa história.

É conhecido por todos aqueles que sabem a história da Igreja, como e quanto a Companhia de Jesus, que surgiu no tempo do Concílio de Trento, contribuiu eficazmente para a aplicação das orientações daquele Concílio e para a inclusão, na Igreja mesma, daquela corrente de vitalidade, que ele trouxe.

É porém oportuno reflectir sobre o passado da vossa Ordem para recolher as notas fundamentais deste processo e os aspectos mais ricos e positivos do modo como a Companhia contribuiu para isso: serão como luzes orientadoras, faróis indicadores do que a Companhia de hoje, movida pelo dinamismo típico do carisma do seu Fundador, mas em autêntica fidelidade a ele, pode e deve realizar para favorecer o que o Espírito de Deus despertou na Igreja com o [Concílio Vaticano II](#).

Percorrendo de novo os 4 séculos e meio da sua história, surgem alguns elementos de autêntico valor: são os característicos da vida e da missão daquele Corpo, que por querer de Inácio é a Companhia de Jesus.

A primeira preocupação de Inácio e dos seus companheiros foi a de promover um autêntico *renovamento da vida cristã*. A situação da sociedade e da Igreja era tal que só a obra de homens de Deus podia ter influxo é oferecer um contributo de vitalidade santificadora.

A exemplo de Jesus, que percorreu "todas as cidades e as aldeias, ensinando nas sinagogas, proclamando a Boa Nova do Reino" (*Mt 9, 35*), os primeiros companheiros, enviados pela obediência, foram peregrinando pelas várias cidades, difundindo a boa nova e levando um sopro de vida santa; é o início daquelas missões populares, destinadas a servir o povo cristão, a instruí-lo na fé e a levá-lo a uma coerência de vida; missões populares que terão em seguida florescente desenvolvimento e vasto influxo benéfico.

Para uma mais profunda renovação da vida cristã revelaram-se meio particularmente eficaz os *exercícios espirituais* de Santo Inácio, que assinalaram um vestígio indelével na história da espiritualidade. Nos exercícios formaram-se os primeiros companheiros e os sucessores deles, e com os exercícios tornaram-se uns e outros os guias espirituais de inumeráveis fiéis, ajudaram-nos a descobrir a sua vocação segundo o plano de Deus e a tornar-se autênticos cristãos comprometidos, qualquer que fosse o seu estado de vida.

4. Ao lado da direcção espiritual foi cuidado solícito da Companhia a *difusão da verdadeira doutrina católica*, entre os doutos e os indoutos, desde as crianças aos mais anciãos. Os dois Santos Jesuítas Doutores da Igreja, São Pedro Canísio e São Roberto Belarmino, foram os autores de dois célebres catecismos para as crianças e foram ambos mestres admirados, o primeiro envolvido nas discussões teológicas do Concílio de Trento, e o segundo defensor da fé a partir das cátedras de Lovaina e de Roma.

Para semelhante intento Santo Inácio, e depois dele a Companhia, desvelaram-se na *educação da juventude*: fundaram e multiplicaram os colégios nos quais, seguindo o novo sistema pedagógico — a célebre "*Ratio studiorum*" —, tendiam a dar uma formação geral da pessoa humana, para forjar homens que, eminentes nos estudos e em todas as profissões, fossem ao mesmo tempo eminentes cristãos.

Tudo isto acontecia num tempo, em que o mundo e particularmente a Europa estavam em transformação, melhor numa viragem decisiva no *campo literário e científico*. Neste processo inseriram-se rigorosamente literatos e cientistas jesuítas, realizando obra de pioneiros "*ad maiorem Dei gloriam*", isto é, favorecendo aquele desenvolvimento cristão do homem que, quando se realiza, é para a glória de Deus.

5. Olhando depois para um sector de vital importância para a Igreja, a preocupação de Santo Inácio, e atrás dele da Companhia, foi a dos seminários e dos centros superiores de estudo para a *formação do clero*. A Santo Inácio se deve a fundação do tão benemérito Colégio Romano, transformado na Universidade Gregoriana, e também a fundação do Colégio Germânico, ao qual se seguiram, frequentemente com a colaboração de muitos jesuítas, os outros colégios nacionais em Roma, a fim de prepararem para a Igreja numerosos sacerdotes dotados de sã doutrina e sólida virtude, que se tornaram zelosos apóstolos nas próprias pátrias e não raro mártires da fé.

Em conexão com estes centros de estudo, a Companhia deu validíssimo contributo no *campo das ciências sagradas*, de particular importância para a Igreja. E a abundante falange dos jesuítas, cultores da teologia, da exegese bíblica, da patrologia, da história eclesiástica, da moral e do direito canónico, e de tantas outras ciências relacionadas com os estudos sagrados.

Mas a visão de Santo Inácio abriu-se para horizontes ainda mais vastos, tanto quanto era vasto o mundo, que, em seguida aos recentes descobrimentos geográficos, tinha tomado mais amplas dimensões. É o anelo de Cristo, que vibrava no coração do Santo, e no coração de todos os que, participando do seu espírito, se ofereceram inteiramente a "Nosso Senhor, rei eterno", cuja "vontade é de conquistar o mundo todo" (*Exercícios Espirituais*, n. 95).

O grupo dos primeiros companheiros de Inácio era pequeno; no entanto o Santo mandou para o Oriente São Francisco Xavier, o primeiro daquela ininterrupta multidão de *missionários jesuítas*, que no Oriente e no Ocidente, foram "enviados" a anunciar o Evangelho e, ardorosos de zelo

apostólico, estavam prontos a dar a vida para testemunhar a sua fé, como atestam os numerosos Mártires da Companhia. Enquanto o fim primário da missão deles era comunicar a fé e a graça de Cristo, eles esforçaram-se ao mesmo tempo por elevar o nível humano e cultural das populações, no meio das quais trabalhavam, por fomentar uma vida social mais justa e mais em correspondência com os desígnios de Deus, pelo que são ainda agora recordadas na história as famosas Reduções do Paraguai.

A generosidade e o ímpeto destes missionários atraíam novas levas; as cartas de São Francisco Xavier tocavam os corações dos estudantes universitários de Paris. Coisa semelhante fizeram a vida e os escritos de tantos outros conhecidos apóstolos do reino de Cristo, aos quais anda junto um exército anónimo de santos religiosos, que nas longínquas terras de missão sacrificaram a vida na humildade e no escondimento.

Entre os muitos missionários jesuítas desejo nomear um, porque a sua recordação é hoje de particular actualidade: o Padre Mateus Ricci, de quem estamos para celebrar o quarto centenário da sua entrada na China; aquele grande País que tinha sido o sonho de São Francisco Xavier, falecido 30 anos antes na ilha de Sanchão, às portas daquela China que foi e quer voltar a ser campo privilegiado do apostolado da Companhia.

Assim no decurso da sua história, a Companhia de Jesus, em toda a parte do mundo, onde se combatia por Cristo e pela Sua Igreja, esteve presente com os seus filhos melhores, ardentes de zelo, armados de virtude, fornecidos de doutrina e fiéis às directrizes do seu chefe, do Vigário de Cristo, o Romano Pontífice.

Esta é a Companhia de Jesus, que a história põe diante do nosso olhar; a Companhia de Jesus que os inimigos de Cristo perseguiram até lhe conseguirem a supressão, mas que a Igreja fez ressurgir, sentindo a necessidade de filhos tão generosos e devotos, nos quais os Papas confiaram no passado e nos quais o Papa quer confiar também para o futuro.

6. Se falei da Companhia de Jesus no passado, com o fim de recolher os traços característicos da sua vida e missão, foi porque penso na Companhia de hoje e no que dela espera a Igreja para o presente e o futuro.

Quem observa a riqueza do contributo que a vossa Ordem ofereceu à vida da Igreja e do mundo, e chega a pôr em evidência os seus aspectos principais, não pode deixar de ver o que foi para Santo Inácio uma das notas mais características da Ordem por ele fundada, sob o impulso do Espírito Santo.

Na sua história, com efeito, a Companhia de Jesus, sempre se distinguiu mediante as formas múltiplas e variadas do seu ministério apostólico, pela mobilidade e pelo dinamismo que o seu Fundador lhe infundiu e que a tornaram capaz de discernir os sinais dos tempos e, por isso, de

estar na vanguarda da renovação desejada pela Igreja.

Em virtude da vocação apostólica e missionária que é a vossa, os membros do escolhido corpo que vós formais por vontade de Santo Inácio e da Igreja, encontram-se segundo as palavras que vos dirigia [Paulo VI](#), "na vanguarda da profunda renovação que a Igreja, sobretudo depois do [Concílio Vaticano II](#), procura levar a termo, neste mundo secularizado. A vossa Companhia é, pode dizer-se, o *test* da vitalidade da Igreja através dos séculos; é talvez um dos cadinhos mais significativos, em que se encontram as dificuldades, as tentações, os esforços e as iniciativas, a perenidade e os êxitos de toda a Igreja" ([Paulo VI](#), *Alocução aos Padres da 32ª Congregação Geral*, 3 de Dezembro de 1974).

Pois bem! Como já vos dizia o meu venerado predecessor, a Igreja espera hoje da Companhia que ela contribua eficazmente para a aplicação do [Concílio Vaticano II](#), como, no tempo de Santo Inácio e muito depois, ela empregou todos os esforços para dar a conhecer e fazer reduzir à prática o Concílio de Trento e para ajudar de maneira notável os Pontífices Romanos no exercício do ministério supremo deles.

7. Permitti-me que insista uma vez mais e solenemente sobre a interpretação exacta do recente [Concílio](#). Tratava-se e continua a tratar-se de uma obra de renovamento eclesial, atento ao Espírito Santo. Sobre este ponto capital, os documentos conciliares são de uma clareza que não tem igual (cf. [Lumen gentium](#), nn. 4, 7, 9; cf. [Gaudium et spes](#), n. 21, parág. 5 e n. 43, parág. 6). E esta renovação de fidelidade e de fervor em todos os domínios da missão da Igreja — aperfeiçoada e expressa na audição colegial do Espírito do Pentecostes — deve ser igualmente acolhida e vivida agora segundo o mesmo Espírito, e não segundo critérios pessoais ou teorias psicossociológicas. É para realizar melhor este trabalho no seio do povo de Deus, que os contemplativos e os religiosos que praticam a vida apostólica, foram chamados pelo mesmo Concílio a uma renovação da própria existência evangélica. O decreto [Perfectae caritatis](#) (n. 2 e n. 3) exprime com clareza e fervor estes critérios de renovação. Sendo-lhes fiel, já não há lugar para desvios certamente nocivos à vitalidade das comunidades da Igreja inteira. Parece-me que a Companhia de Jesus, cada vez mais impregnada do espírito da verdadeira renovação, será capaz de desempenhar plenamente o seu papel tanto hoje como ontem e sempre: a saber, ajudar o Papa e o Colégio Apostólico a fazer progredir toda a Igreja pelo grande caminho traçado pelo Concílio, e a convencer os que infelizmente são tentados, pelos caminhos seja do progressismo seja do integrismo, a voltarem com humildade e alegria à comunhão sem sombras com os seus Pastores e com os seus irmãos que sofrem com essas atitudes e com que eles andem longe. Este trabalho paciente e delicado é sem dúvida obra de toda a Igreja. Mas, na fidelidade ao vosso Pai Santo Inácio e a todos os seus filhos, deveis hoje arvorar-vos como um só homem para esta missão de unidade na verdade e na caridade.

O *quarto voto* da Companhia foi precisamente compreendido por Santo Inácio como a expressão viva e vital da consciência de a missão de Cristo se prolongar no tempo e no espaço naqueles

que, chamados por Ele a segui-1'O e a partilhar os Seus trabalhos (cf. *Exercícios Espirituais*, nn. 91-98), fazem próprios os Seus sentimentos e vivem assim a íntima união com Ele e, pelo facto mesmo, com o seu Vigário na terra.

Eis porque Santo Inácio e os seus companheiros, querendo participar na missão de Cristo, que prossegue na Igreja, decidiram *colocar-se incondicionalmente à disposição do Vigário de Cristo e ligar-se a ele por "um voto especial"*, porque esta união com o Sucessor de Pedro, que é o núcleo principal dos membros da Companhia, assegurou sempre a vossa comunhão com Cristo; mais ainda, é "o sinal da vossa comunhão com Cristo, Chefe primeiro e supremo da Companhia que por antonomásia é Sua, de Jesus" (Paulo VI, *Alocução aos Padres da 32ª Congregação Geral*, 3 de Dezembro de 1974).

8. Por causa desta nota distintiva e característica da vossa Ordem, a Igreja espera portanto em primeiro lugar que vós adapteis *as diferentes formas de apostolado tradicional que mantém ainda hoje todo o seu valor*, trabalhando para renovar a vida espiritual dos fiéis, a educação da juventude, a formação do clero, dos religiosos e das religiosas, e a actividade missionária; isto inclui catequese, proclamação da Palavra de Deus, difusão da doutrina de Cristo, penetração cristã no domínio da cultura de um mundo que procura estabelecer divisão e oposição entre ciência e fé, e ainda inclui actividade pastoral em favor dos pobres, dos oprimidos e dos marginalizados, exercício do ministério sacerdotal em todas as suas expressões autênticas, sem esquecer os novos meios do apostolado de que dispõe a sociedade moderna, como a imprensa e os meios de comunicação social, aperfeiçoando o uso que a Companhia já deles fez durante a época recente.

Além disso, a Igreja deseja ver a Companhia interessar-se cada vez mais pelas iniciativas que o Concílio Vaticano II particularmente animou:

— o *ecumenismo*, para reduzir o escândalo da divisão dos cristãos. Eis que há mais de 20 anos, a Igreja criou o Secretariado para a Unidade dos Cristãos: importa que num mundo que se descristianiza, aqueles que crêem em Deus e em Cristo colaborem entre si;

— o *aprofundamento das relações com as religiões não cristãs*, fomentado pelo Secretariado para os não-cristãos e a apresentação da vida e da doutrina cristã de maneira adaptada às diferentes culturas, a qual tenha em conta a grande sensibilidade dos traços característicos e das riquezas de cada uma;

— os estudos e as iniciativas respeitantes ao fenómeno preocupante do *ateísmo*, fomentados pelo Secretariado para os não-crentes, recordando-vos do cargo que Paulo VI vos confiou de "resistir vigorosamente e com todas as vossas forças ao ateísmo" (*Alocução aos Padres da 32ª Congregação Geral*, 7 de Maio de 1965).

Há ainda um ponto para o qual desejaria atrair a vossa atenção. Nos nossos dias, sente-se com urgência cada vez maior, na *acção evangelizadora da Igreja, a necessidade de promover a justiça*. Se se têm em conta as verdadeiras exigências do Evangelho e ao mesmo tempo a influência que exercem as condições sociais sobre a prática da vida cristã, compreende-se facilmente porque considera a Igreja a promoção da justiça como parte integrante da evangelização. Trata-se de um campo importante da acção apostólica. Neste campo nem todos têm a mesma função e, no que respeita aos membros da Companhia, é preciso não esquecer que *a necessária preocupação pela justiça deve exercer-se em conformidade com a vossa vocação de religiosos e de sacerdotes*. Como disse a 2 de Julho de 1980 no Rio de Janeiro, o serviço sacerdotal, "se quer permanecer fiel a si mesmo, é um serviço excelente e essencialmente espiritual. Que isto seja hoje acentuado contra as multiformes tendências a secularizar o serviço do padre reduzindo-o a uma função meramente filantrópica. O seu serviço não é o do médico, do assistente social, do político nem do sindicalista. Em certos casos, talvez, o padre poderá prestar, embora de maneira supletiva, estes serviços e, no passado prestou-os de forma egrégia. Mas hoje eles são realizados adequadamente por outros membros da sociedade, enquanto que o nosso serviço se especifica sempre mais claramente como um serviço espiritual. É na área das almas, das suas relações com Deus, e do relacionamento interior com os seus semelhantes que o sacerdote tem uma função essencial a desempenhar. É aqui que se deve realizar a sua assistência aos homens do nosso tempo. Certamente, sempre que as circunstâncias o exigirem, ele não se eximirá de prestar também uma assistência material, mediante as obras de caridade e a defesa da justiça. Mas, como tenho dito, isto é, em definitivo, um serviço secundário, que não deve jamais fazer perder de vista o serviço principal, que é o de ajudar as almas a descobrir o Pai, a abrir-se para Ele e a amá-1'O sobre todas as coisas" (n. 7).

Já o Concílio Vaticano II pôs em realce o valor e a natureza do apostolado dos leigos e exortou-os a tomar a parte que lhes compete na missão da Igreja; mas o papel dos sacerdotes e dos religiosos é diferente. Não têm de tomar o lugar dos leigos e menos ainda devem descuidar o cargo que lhes é especificamente próprio.

9. As vossas Constituições registam claramente aqueles requisitos que são necessários a fim de a Companhia de Jesus contribuir eficazmente para a aplicação dos Decretos Conciliares como a Igreja espera que ela faça.

Primeiro existe a *formação prolongada e sólida dos futuros apóstolos da Companhia*. Na mesma fórmula do Instituto, depois de descrever o caminho típico da Companhia, Inácio escreve: "Porque a experiência nos ensinou que esta vida terrena traz consigo muitas e grandes dificuldades, julgámos ainda conveniente determinar que ninguém seja admitido a fazer parte desta Companhia, sem primeiro ser bem conhecida a sua vida e doutrina com demoradas e diligentíssimas provas" (*Fórmula do Instituto da Companhia de Jesus*, n. 9).

Não deveis ceder à fácil tentação de deixar perder esta formação que tem tanta importância em

todos e cada um dos seus aspectos, espiritual, doutrinal, disciplinar e pastoral; o prejuízo sucessivo superaria de longe o valor de qualquer resultado que talvez pudesse ser obtido.

Recordai-vos que, já nos tempos do vosso Fundador, a Companhia enfrentava os mesmos problemas angustiantes que enfrentais hoje. Também então havia demasiado poucos apóstolos, aptos e prontos para satisfazer adequadamente as necessidades pastorais.

10. Contudo, deveis ter presente que esta longa e exigente preparação tem como seu objectivo primário *a formação dos homens que são preeminentes devido à sua união mútua com Deus*. De facto, Inácio estava convencido que toda a actividade apostólica só tem valor e é eficaz se dimanar daquela "união entre o instrumento e Deus", de que fala com tanta frequência. A primazia da vida interior é o próprio fundamento da visão e da espiritualidade de Inácio; constitui o âmago secreto de uma autêntica vida apostólica, porque o verdadeiro apóstolo vive acima da sua missão em total dependência de Deus e em união com Ele.

O vosso Fundador e como ele os seus primeiros companheiros foram sem dúvida homens de Deus; em resposta à chamada de livre doação por parte do Rei Eterno (*Ex. Espirit.*, nn. 91-98), e tendo compreendido interiormente o Espírito que animava o próprio Jesus, o Único enviado pelo Pai, eles viveram como o Senhor pediu aos seus apóstolos que vivessem, quando lhes disse: "Permaneçei em Mim e Eu permanecerei em vós. Como a vara não pode dar fruto por si mesma se não estiver na videira, assim acontecerá convosco se não estiverdes em Mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer" (*Jo 15, 4-5*).

Ainda outra vez, em virtude do que é o elemento mais rico no espírito do vosso Fundador, peço-vos reflectais sobre o sentido mais profundo da "Contemplação para obter o Amor", pela qual o homem apostólico vive na consciência da realidade que "todos os bens e dons descem do alto, assim como o meu moderado poder do sumo e infinito do alto, e assim a justiça, bondade, piedade, misericórdia, etc., assim como do sol descem os raios e da fonte as águas..." (*Ex. Espirit.*, n. 237). Tal é o espírito do verdadeiro apóstolo que vive a sua missão em total dependência de Deus e em união com Ele.

Por esta razão na vida religiosa apostólica de que Santo Inácio, sob o impulso de Deus, foi um dos grandes Fundadores, não deverá haver separação "entre a vida interior e o apostolado". São dois elementos essenciais e constitutivos desta vida: são inseparáveis e exercem influência e compenetraram-se mutuamente um ao outro.

11. Juntamente com a solidez da virtude, as vossas Constituições insistem numa solidez e vigor de doutrina, como é essencial para um apostolado eficaz. Por conseguinte, "Os Jesuítas são universalmente considerados como um esteio para a doutrina e a disciplina da Igreja inteira. Os bispos, os sacerdotes e os leigos costumam ver a Companhia como autêntico ponto de

referência, e por isso seguro, para o qual é possível dirigir-se a fim de encontrar a certeza de doutrina, discernimento moral, lúcido e seguro, e autêntico alimento para a vida interior" (*Carta do Cardeal Villot ao Padre Arrupe*, 2 de Julho de 1973). O mesmo há-de ser verdade no futuro mediante aquela leal fidelidade ao Magistério da Igreja, e de modo particular ao Romano Pontífice, ao qual estais ligados por dever.

12. De facto, um laço especial liga a Companhia ao romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra. Como já mencionei acima, Santo Inácio e os seus companheiros, tendo compreendido espiritualmente o verdadeiro significado e valor da missão de Cristo, e como ela se prolonga na história, dedicaram capital importância a este laço de amor e serviço ao Romano Pontífice, de modo que desejaram que este "voto especial" fosse elemento característico da Companhia. Ao descreverem a sua própria disposição comum, e o que esperavam daqueles que mais tarde seriam admitidos no Corpo Professo da Companhia, escreveram aquelas palavras que são e devem ficar gravadas no coração de todo o Jesuíta merecedor deste nome: "Por maior devoção à obediência da Sé Apostólica, para maior abnegação das nossas vontades, e mais certa direcção do Espírito Santo, julgámos da maior importância que cada um de nós, e todos os que para o futuro fizerem a mesma profissão, além daquele vínculo comum dos três votos, com este fim nos liguemos por um voto especial, pelo qual nos obrigamos a seguir tudo aquilo que o actual e os outros Romanos Pontífices no tempo existentes, mandarem, para proveito das almas e da propagação da fé. E assim fiquemos obrigados, quanto estiver na nossa mão, a ir sem demora para qualquer região aonde nos quiserem mandar, sem qualquer subterfúgio ou escusa" (*Fórmula do Instituto da Companhia de Jesus*, n. 3). É evidente que aqui tocamos na essência do carisma inaciano, e no qual está o verdadeiro coração da vossa Ordem. E é a isto que deveis permanecer sempre fiéis.

O Romano Pontífice, a quem estais ligados por este voto especial, é, nas palavras do Concílio Vaticano II, "o Supremo Pastor da Igreja" (*Christus Dominus*, 5). Como tal ele tem um particular ministério de serviço a exercer para o bem da Igreja universal; em tal serviço ele de bom grado aceita a vossa amorosa, dedicada e provada colaboração. Mas o mesmo Romano Pontífice também aceita a colaboração que lhe oferecis no seu cargo de cabeça do Colégio Episcopal (cf. *Lumen Gentium*, 22), em união com os seus irmãos Bispos num ministério colegial de discernimento e harmonia, o qual, em virtude de carismas distintos, coordena em docilidade ao Espírito Santo as outras tarefas de serviço eclesial (cf. *Mutuae Relationes*, 6). Por esta razão estais igualmente ligados aos membros do Colégio Episcopal por um laço que de vós requer estardes unidos com eles na caridade pastoral e em estreita colaboração prática. Precisamente em consequência da vossa especial disponibilidade para a chamada do Romano Pontífice, estais em condições de trabalhar cada vez mais efectivamente com o Colégio dos Bispos e com cada um dos seus membros, que no Sucessor de Pedro encontram a sua perene e visível fonte e fundamento de unidade (cf. *Lumen Gentium*, 23).

Como explica o Concílio Vaticano II o Romano Pontífice também dispõe dos organismos da Cúria

Romana no exercício do seu serviço à Igreja universal (cf. *Christus Dominus*, 9). Este facto requer leal colaboração entre a Companhia de Jesus e estes organismos. Devido às exigências dos vossos votos e à realidade do meu ministério, não podia ser de outro modo. Algumas das especiais tarefas confiadas à Companhia de Jesus e outros trabalhos importantes, que ela assumiu no período pós-conciliar, correspondem aos programas da Sé Apostólica, que são coordenados por alguns dos seus novos organismos. Mediante a colaboração com estes vários órgãos, a Companhia de Jesus pode encontrar a sua justa orientação em numerosas publicações e ao mesmo tempo dar enorme contributo à Igreja universal. Por seu lado, o Romano Pontífice oferece-vos, em nome de Cristo, de quem é Vigário, o seu total amor de reconhecimento pela vossa colaboração pessoal com ele, com o Colégio dos Bispos, e com a Cúria Romana inteira, que a Companhia de Jesus tem estado generosamente a ajudar de diversos modos desde há anos.

13. Não me detenho mais nestas reflexões, porque sei que nestes dias estais a considerar, juntamente com o Padre Delegado, os desejos expressos por mim acerca da Companhia e que, com espírito de fé e de fraterna colaboração, buscais os meios mais viáveis para os colocar em prática.

Só tenho que vos encorajar a prosseguir neste trabalho, que, assim como resultará particularmente proveitoso para a vossa Companhia, será também de grande utilidade a toda a Igreja, que olha para a Companhia com especial interesse e apreço.

A exemplaridade da vossa vida religiosa, a atmosfera espiritual das vossas comunidades, a austeridade no teor de vida e o fervor nas obras apostólicas, serão motivo de edificação para todo o povo de Deus e atrairão para a vossa Companhia vocações cada vez mais numerosas de jovens generosos, que aspiram não a uma mediocridade no seguimento de Cristo, mas ao radicalismo na sua consagração a Ele.

Assim estareis a preparar-vos de um modo excelente para a Congregação Geral. Estou certo de que esta preparação procederá de tal maneira que seja possível, dentro deste ano, a convocação da Congregação Geral, que não só há-de dar à Companhia um novo Prepósito-Geral, segundo o desejo manifestado há tempo pelo venerado Padre Arrupe, senão que juntamente há-de transmitir a toda a Companhia um novo estímulo para levar a cabo com renovado alento a sua missão, conforme as esperanças da Igreja e do mundo.

Acompanho-vos, por isso, com os meus votos e orações para que o Senhor, por intercessão d'Aquela, a quem costumais invocar como Rainha e Mãe da Companhia de Jesus, e dos vossos numerosos Santos e Beatos, abençoe e torne fecundo o vosso trabalho.

A estes Santos e Beatos, elevados já às honras dos altares, é consolador acrescentar também tantos outros dos vossos Irmãos que pelas suas insignes virtudes aguardam seja pela Igreja

reconhecida oficialmente a santidade deles. A este propósito, é-me grato recordar que precisamente no passado 11 de Fevereiro tive a satisfação de declarar a heroicidade das virtudes do humilde e tão querido Irmão Coadjutor Francisco Gárate, falecido há cinquenta anos e oriundo da mesma terra que viu nascer o vosso Santo fundador, Inácio de Loyola.

A vida destes religiosos da Companhia, como a de tantos excelentes jesuítas que vivem e trabalham no mundo com um espírito de fé cheio de amor e uma entrega realmente exemplar aos homens, está a demonstrar que também no nosso tempo floresce a santidade na Companhia.

E, além disso, demonstra quão válida continua a ser a vocação dos Irmãos Coadjuutores da Companhia, que, com a sua entrega total ao serviço do Senhor, mediante o desempenho dos seus cargos, colaboram eficazmente com os Padres para o ministério sacerdotal próprio da Companhia.

Com estes sentimentos, dou-vos de todo o coração, e mediante vós a todos os membros da Companhia, como penhor dos divinos dons, a minha Bênção Apostólica.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana